

## R U Y F A B I A N O

## 14 MAI 1994 Os planos de Sarney

CORREIO BRAZILIENSE

Que o ex-presidente Sarney dispunha de alguma informação reservada a respeito do processo sucessório, capaz de alterar seus rumos, muitos já haviam percebido. Que outro motivo teria para exibir tamanha confiança em sua própria candidatura, se as evidências eram de que jamais venceria as prévias do PMDB?

Suspeitou-se que a informação reservada referia-se a seu rival Quércia, possivelmente algo relacionado com as numerosas demandas judiciais que lhe pesam e que o fariam desistir de sua candidatura na última hora. Nada disso. A informação reservada era a de que o STF daria ganho de causa aos pequenos partidos, autorizando-os a concorrer à Presidência da República este ano.

Como ex-presidente da República, Sarney possui aliados estrategicamente situados na administração pública. Gente sua, capaz de mantê-lo informado a respeito de questões que lhe são vitais. Dos atuais ministros do STF, há três ou quatro nomeados diretamente por ele. Não significa que esses personagens lhe devam obediência ou algum favor. Mas, por conhecê-los bem, tem como detectar, com precisão e alguma antecedência, tendências de votos em relação a determinados assuntos. Como, por exemplo, a lei eleitoral 8.666, de 1993.

Ela regulamentou a presente eleição, excluindo os pequenos partidos das eleições presidenciais. Houve então recurso ao STF, por parte dos prejudicados. Anteontem, o STF acolheu o recurso, autorizando que concorram. A expectativa seguinte é a reabertura dos prazos de filiação partidária, cuja decisão acontecerá na quarta-feira que vem (é o primeiro item na pauta de votação do STF). Tudo indica que a decisão será favorável.

Ano passado, a pedido do PFL, o jurista (e ex-ministro da Justiça de Sarney) Saulo Ramos produziu parecer favorável sobre ambos os assuntos: o direito dos nanicos de lançarem candidatos à Presidência e a reabertura dos prazos de filiação. Segundo a argumentação de seu parecer, uma coisa puxa a outra; admitindo-se uma, não há como recusar a outra. É com isso que Sarney conta, para lançar-se candidato por uma vasta coligação de numerosos Enéas avulsos e disponíveis.

Ele esperava já ontem formalizar isso. Não foi possível. Só na quarta o STF dará a palavra final. Mas ontem já foi possível formalizar o rompimento com Orestes Quércia. Na hipótese, tida como remota, de o Supremo não reabrir o prazo de filiação, Sarney leva seu bloco para a candidatura de Fernando Henrique Cardoso.

De um modo ou de outro, repete o que fez em 1984 com Paulo Maluf. Naquela oportunidade, rompeu com o PDS e levou sua turma para apoiar Tancredo Neves. Acabou vice na chapa e, por morte do titular, presidente da República. Agora suas alternativas são apenas duas: ou será candidato por uma coligação de anões ou será cabo eleitoral classe A da candidatura Fernando Henrique Cardoso.

Sarney, de início, não sonhava com a Presidência. Contentava-se em eleger sua filha Roseana, do PFL, governadora do Maranhão. As pesquisas de opinião, no entanto, mudaram seus planos. Tem sido apontado como o segundo candidato na preferência popular, atrás apenas de Lula. Sua densidade eleitoral é maior exatamente onde há maior número de eleitores: as classes C e D. Como até aqui FHC não decolou, Sarney sonha em herdar-lhe a megaestrutura de apoio. FHC torce pelo contrário: que Sarney, inelegível, o apóie e o faça penetrar junto ao povão.